



ORACLE

Humanidade na era da inteligência autônoma

A nova lógica da inovação: tendências que estão redefinindo o jogo dos negócios

Sinais estratégicos, paradoxos tecnológicos
e implicações para líderes

Índice

1.	Introdução	3
2.	Contexto global da transformação tecnológica	4
3.	Takeaways estratégicos: o que líderes precisam fazer agora?	6
4.	Momento atual da tecnologia	10
5.	Ascensão dos agentes de inteligência artificial	11
6.	Produtividade na era da automação cognitiva	14
7.	Crise da saúde social e a relação com a tecnologia	16
8.	Infraestrutura digital e limites físicos	19
9.	Dependência tecnológica e cognição humana	21
10.	Criatividade na era da inteligência artificial	23

Introdução

A 40ª edição do South by Southwest (SXSW), realizado de 12 a 18 de março em Austin, nos Estados Unidos, evidenciou que a economia digital entrou em uma nova fase de transformação. Após décadas em que a tecnologia evoluiu principalmente como ferramenta de automação e amplificação da produtividade, surge agora uma nova geração de sistemas capazes de agir de forma relativamente autônoma.

Estimativas recentes do instituto de pesquisas Gartner indicam que, até 2028, cerca de 33% das aplicações corporativas devem incorporar agentes de inteligência artificial (IA) capazes de tomar decisões de forma autônoma, reforçando a mudança de paradigma na arquitetura dos sistemas empresariais.

Esses sistemas não apenas respondem a comandos, mas executam tarefas complexas, coordenam processos e tomam decisões em ambientes digitais.

Essa mudança marca uma transição estrutural na relação entre humanos e tecnologia. Se a revolução digital das últimas duas décadas foi caracterizada pela criação de plataformas e pela digitalização de processos, a próxima fase caminha para a autonomia computacional. Nesse cenário, o software muda, gradualmente, de instrumento passivo para ator ativo na economia.

Esse movimento também tem implicações diretas no valor econômico gerado pela tecnologia. Segundo a McKinsey & Company, a inteligência artificial generativa pode adicionar entre US\$ 2,6 trilhões e US\$ 4,4 trilhões por ano à economia global, especialmente ao automatizar decisões e ampliar a autonomia operacional das empresas.

Ao mesmo tempo, os debates realizados em Austin também revelaram tensões importantes. A aceleração tecnológica convive com preocupações sobre os efeitos sociais e cognitivos dessa transformação. Especialistas discutiram desde os riscos de dependência excessiva de sistemas automatizados até o impacto da hiperconectividade na saúde social das pessoas.

Um dos pontos centrais da discussão foi justamente o paradoxo contemporâneo: nunca houve tanta tecnologia capaz de conectar pessoas e ampliar capacidades humanas, e ainda assim cresce a percepção de isolamento, sobrecarga cognitiva e ansiedade.

Além disso, o avanço da inteligência artificial expôs um aspecto frequentemente negligenciado da transformação digital: seus limites físicos. A expansão acelerada de data centers, essencial para sustentar a infraestrutura da IA, já começa a pressionar redes elétricas, sistemas hídricos e planejamento urbano em diversas regiões do mundo. Em uma das sessões do evento SXSW, prefeitos de cidades norte-americanas discutiram justamente como equilibrar crescimento econômico com os impactos ambientais e energéticos dessas instalações.

Essas conversas sugerem que o futuro da tecnologia será pautado não apenas por inovação tecnológica, mas também por fatores humanos, sociais e ambientais.

A partir das conversas, painéis e análises observadas no SXSW 2026, emergem teses estratégicas que ajudam a compreender o momento atual da transformação tecnológica.



Para se aprofundar

IA, ESG e negócios conscientes: tecnologia como motor de impacto

No Oracle Cast Brasil, Marcelle Paiva, da Oracle, conversa com Renata Marques e Daniel Marques, da Natura, e Kuntuala Zeli, também da Oracle, sobre como a inteligência artificial pode impulsionar práticas mais sustentáveis. O episódio explora o uso estratégico de dados e inovação contínua para gerar impacto positivo, fortalecer a cultura organizacional e preparar as empresas para um futuro mais consciente. Assista!

Contexto global da transformação tecnológica e sua relação com o SXSW

Em um cenário global marcado pela aceleração da inteligência artificial, pela reorganização das cadeias produtivas digitais e pela crescente pressão sobre infraestrutura, energia e modelos de governança, a tecnologia se tornou elemento central de competitividade econômica e geopolítica. Segundo a consultoria IDC, os investimentos globais em inteligência artificial devem ultrapassar US\$ 500 bilhões até o final da década, refletindo a centralidade da tecnologia nas estratégias corporativas e governamentais.

Esse avanço ocorre em paralelo à rápida evolução e disseminação da tecnologia nas organizações. Relatório recente do Stanford Institute for Human-Centered AI aponta que mais de 50% das empresas já utilizam inteligência artificial em ao menos uma função de negócios, indicando que a tecnologia deixou de ser experimental para se tornar parte da operação.

Ao mesmo tempo, a inteligência artificial passa a ocupar um papel estratégico também em governos. Estudos da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostram que a tecnologia já figura como prioridade em políticas públicas, com foco em soberania digital, segurança e competitividade econômica.

É nesse contexto que o South by Southwest (SXSW) se consolida, ao longo das últimas quatro décadas, como um dos eventos mais influentes na interseção entre tecnologia, cultura e comportamento humano. Diferentemente de conferências corporativas tradicionais, o SXSW reúne empreendedores, cientistas, artistas, futuristas, executivos e formuladores de políticas públicas em um ambiente que favorece o surgimento de ideias e tendências emergentes.



Essa característica faz do festival um espaço privilegiado para observar aquilo que analistas de mercado identificam como tendências emergentes ainda pouco consolidadas, mas com potencial de redefinir o desenvolvimento tecnológico e social nos próximos anos e impactar empresas de diferentes setores e portes.

Esse contexto ajuda a explicar por que debates sobre inteligência artificial, criatividade, infraestrutura digital e saúde social apareceram de forma tão interconectada ao longo do evento, refletindo não apenas tendências do setor, mas as tensões e prioridades que hoje moldam a agenda tecnológica global.

O futuro que não mais se prevê

Há mais de 15 anos, a futurista Amy Webb apresenta seu tradicional Emerging Tech Trend Report, que se tornou um dos momentos mais aguardados do SXSW. Não apenas pela curadoria de tendências, mas pela forma como traduz sinais difusos em direções estratégicas para empresas e governos. Ao longo dos anos, seu trabalho ajudou a consolidar a própria ideia de “tendência” como ferramenta de antecipação. Agora, no entanto, o que Amy propõe é uma ruptura com esse modelo: mais do que mapear movimentos emergentes, trata-se de entender como forças tecnológicas distintas passam a convergir e, juntas, deixam de apontar possibilidades para impor decisões.

A futurista reforçou no SXSW que o mercado está deixando de discutir apenas tendências para entrar em uma fase de decisões estruturais sobre o futuro. Segundo ela, a IA não deve ser analisada como uma tecnologia isolada, mas como parte de um conjunto de forças convergentes, incluindo biotecnologia, sensores, computação avançada e novos modelos de dados, que, combinadas, têm potencial de reconfigurar setores inteiros. Nesse contexto, prever o futuro deixa de ser um exercício especulativo e passa a ser uma prática estratégica baseada em sinais emergentes.

Ela também destacou que muitas organizações ainda operam em um “gap de percepção”. Elas reconhecem o avanço da tecnologia, mas subestimam a velocidade com que mudanças sistêmicas podem ocorrer. Para Amy, o risco não está apenas em adotar tecnologias tardiamente, mas em não compreender como elas se combinam para gerar disrupções não lineares. Isso exige dos líderes uma mudança de postura, de reativos para arquitetos de futuros possíveis.

Outro ponto citado por ela é a necessidade de governança antecipatória. Em vez de reagir a impactos já consolidados, empresas e governos precisam desenvolver estruturas que permitam simular cenários, testar implicações e tomar decisões antes que as mudanças se tornem irreversíveis. Na prática, isso significa incorporar inteligência de futuros ao processo estratégico, conectando tecnologia, sociedade e modelos de negócio.

Já Faith Popcorn, futurista de comportamento e consumo, levou ao SXSW uma leitura complementar à de Amy, focada no comportamento humano em meio à aceleração tecnológica. Segundo ela, quanto mais avançada e onipresente a tecnologia se torna, maior tende a ser o movimento de compensação humana em busca de conexão, significado e experiências autênticas. Esse fenômeno, que ela já descrevia décadas atrás, ganha intensidade na era da IA.

A futurista destacou que consumidores e profissionais estão cada vez mais sensíveis àquilo que é percebido como “real”. Em um mundo onde conteúdos podem ser gerados artificialmente em escala, atributos como confiança, transparência e autenticidade passam a ter ainda mais valor.

Isso cria uma tensão importante para empresas: ao mesmo tempo em que precisam escalar com tecnologia, também precisam preservar elementos humanos em suas relações.

Faith também apontou que o mercado entra agora em uma economia emocional ampliada, na qual decisões não são guiadas apenas por eficiência ou conveniência, mas por pertencimento, identidade e propósito. Para as organizações, isso significa que a adoção de IA não pode ser apenas operacional. Será necessário entender como a tecnologia impacta a forma como pessoas se relacionam com marcas, trabalho e entre si, e ajustar estratégias para não perder relevância nesse novo equilíbrio entre o digital e o humano.

O que sua empresa está fazendo para preservar o elemento humano à medida que a tecnologia escala?



Para se aprofundar

O **SXSW** reuniu líderes e especialistas para discutir os principais rumos da tecnologia, com foco em futuro do trabalho, estratégia e a consolidação da inteligência artificial nos negócios, a partir de conversas conduzidas pelo Oracle Cast Brasil.



Takeaways estratégicos: o que líderes precisam fazer agora?

O risco não é adotar IA tarde demais é não entender como ela muda o jogo.

Diante dessas transformações, líderes empresariais e formuladores de políticas públicas precisam adotar uma abordagem estratégica para a inteligência artificial.

Isso inclui preparar organizações para a integração de agentes digitais, desenvolver mecanismos robustos de governança tecnológica e investir em capacidades humanas que permanecem difíceis de automatizar.

Também será necessário repensar modelos educacionais e práticas organizacionais para garantir que habilidades cognitivas e sociais continuem sendo desenvolvidas.

As discussões do SXSW 2026 sugerem que entramos em uma nova fase da transformação tecnológica. A inteligência artificial deixa de ser apenas uma ferramenta de análise ou geração de conteúdo para assumir funções cada vez mais operacionais nas organizações e da economia digital.

A partir das conversas observadas no evento, emergem dez aprendizados estratégicos para líderes empresariais, formuladores de políticas públicas e organizações.

01. IA não é projeto: é infraestrutura e sua estratégia precisa refletir isso

Durante anos, a IA foi usada de forma pontual, como melhoria incremental. O avanço recente dos modelos generativos e agentes autônomos, no entanto, indica uma mudança estrutural: a inteligência artificial começa a operar como base das organizações, assim como a nuvem e a internet.

02. Prepare sua empresa para equipes híbridas. Agentes de IA já estão se tornando operadores digitais.

No SXSW, ficou claro que a IA está evoluindo de assistente para executor. Agentes já são capazes de analisar dados, planejar tarefas e executar fluxos de trabalho, o que deve redefinir a arquitetura organizacional e os modelos de gestão.



03. Reprograme sua visão de produtividade. Mais eficiência não significa menos trabalho, significa mais responsabilidade

A história mostra que ganhos de produtividade ampliam expectativas e criam novas demandas. Com a IA, esse efeito tende a se intensificar, exigindo uma gestão mais consciente sobre ritmo, prioridades e sustentabilidade do trabalho.

04. Comece a medir o que antes era invisível: a saúde social da sua organização

Em um ambiente cada vez mais digital, a qualidade das interações humanas passa a impactar diretamente performance e inovação. Métricas tradicionais já não capturam esse fator e empresas que ignorarem isso podem perder vantagem competitiva.

05. Trate infraestrutura como estratégia não como backend

A expansão da IA revelou um ponto crítico: tecnologia depende de energia, rede e capacidade física. Data centers e infraestrutura digital deixaram de ser invisíveis e passaram a influenciar decisões de negócio, competitividade e até políticas públicas

06. Evite a terceirização cognitiva total. Sua vantagem ainda depende da capacidade humana

À medida que sistemas assumem tarefas cognitivas, há risco de erosão de habilidades como pensamento crítico e resolução de problemas. O desafio não é evitar a tecnologia, mas garantir que ela não substitua capacidades essenciais.

07. Invista em criatividade como ativo estratégico para além das soft skills

Se a IA executa com eficiência, o diferencial passa a ser a capacidade de imaginar, conectar e decidir. Criatividade deixa de ser atributo complementar e passa a ser motor de diferenciação competitiva.

08. Leia IA como geopolítica, não apenas como tecnologia

A corrida por infraestrutura, modelos e talentos já redefine o equilíbrio global. Empresas e países que tratam IA apenas como inovação correm o risco de subestimar seu impacto estratégico.

09. Prepare-se para liderar em paradoxos

Eficiência vs. exaustão. Conexão vs. superficialidade. Automação vs. dependência. A próxima década não será linear e a vantagem estará em navegar essas tensões com clareza.

10. Evolua seu modelo de liderança. Gerenciar tecnologia não é mais suficiente, é preciso orquestrar sistemas humanos e digitais

A liderança na era da IA exige equilíbrio entre visão tecnológica, sensibilidade humana e capacidade de tomar decisões em ambientes complexos e dinâmicos.



Para se aprofundar

Por dentro da tecnologia

A IA chega a 2026 em um ponto de inflexão. Após a popularização da GenAI, ganham espaço agentes autônomos, sistemas multiagentes, IA física e a orquestração entre humanos e máquinas, em meio a uma crescente disputa global por poder computacional. Esse conjunto de tendências começa a redefinir como empresas decidem, operam e competem.

No AI Is Now, Marcelle Paiva e Felipe Patané, da Oracle, conversam com Anderson Rocha, do Laboratório de Inovação da Unicamp, e Junior Bonelli, da StartSe, sobre as principais tendências de IA para 2026, do avanço dos agentes à transição da IA do software para o mundo físico, passando por liderança, geopolítica dos chips e geração de valor real nos negócios.

Momento atual da tecnologia

Para compreender o cenário atual da tecnologia, é importante situar o momento atual da tecnologia em uma perspectiva histórica mais ampla. Nas últimas três décadas, a economia digital passou por três grandes fases.

A primeira foi a era da digitalização, marcada pela expansão da internet, pela popularização dos computadores pessoais e pelo surgimento de plataformas digitais. Nessa fase, o principal objetivo era converter processos analógicos em processos digitais.

A segunda fase foi a era da inteligência artificial aplicada, impulsionada por avanços em machine learning (ML), disponibilidade massiva de dados e poder computacional crescente. A IA começou a ser utilizada para análise de dados, recomendações algorítmicas e automação de tarefas específicas.

A terceira fase, que começa a emergir agora, pode ser descrita como a era dos sistemas autônomos. Nesse novo estágio, a inteligência artificial deixa de ser apenas uma ferramenta analítica e passa a operar como um sistema capaz de executar sequências complexas de ações.

Analistas de mercado indicam que essa transição não é apenas conceitual, mas já começa a se refletir nos investimentos e nas estratégias das empresas. Segundo a consultoria IDC, os gastos globais com soluções de inteligência artificial devem atingir US\$ 307 bilhões em 2025 e mais que dobrar até 2028, chegando a cerca de US\$ 632 bilhões, impulsionados principalmente pela adoção corporativa de sistemas baseados em IA e pela integração da tecnologia em aplicações empresariais.

O crescimento também se reflete na infraestrutura necessária para sustentar essa nova geração de sistemas. A IDC estima que os investimentos em infraestrutura dedicada à IA incluindo servidores acelerados e data centers especializados, podem alcançar US\$ 758 bilhões até 2029, indicando que a inteligência artificial está se tornando uma camada estrutural da economia digital.

Na mesma direção, o instituto de pesquisas Gartner projeta que os investimentos globais em inteligência artificial devem ultrapassar US\$ 2,5 trilhões em 2026, refletindo a incorporação da tecnologia em produtos, dispositivos e plataformas digitais em praticamente todos os setores da economia.

Essa expansão acompanha a evolução da própria arquitetura da tecnologia. De acordo com previsões do Gartner, até 40% das aplicações corporativas deverão incorporar agentes de IA especializados até 2026, um salto significativo em relação aos níveis atuais de adoção.

Esse movimento aponta para uma mudança estrutural no papel da inteligência artificial dentro das organizações. Em vez de funcionar apenas como uma ferramenta de apoio à tomada de decisão, a tecnologia passa gradualmente a operar como um sistema de ação, capaz de executar tarefas e coordenar fluxos de trabalho.

Essa transição foi amplamente discutida no SXSW, especialmente no contexto dos chamados agentes de IA, sistemas que não apenas respondem a perguntas, mas também planejam, executam e monitoram atividades em ambientes digitais.

Ao infinito e além

A Biofy, startup brasileira de biotecnologia e IA, migrou suas soluções para a Oracle Cloud Infrastructure (OCI) para superar limitações de escala, custo e performance de um modelo on-premises, passando a operar com uma base mais flexível e robusta. Como resultado, reduziu em 50% os custos de infraestrutura e dobrou o desempenho de suas aplicações, além de acelerar significativamente seus casos de uso, como a Abby Recommender, que reduziu o tempo de diagnóstico de resistência a antibióticos de até cinco dias para cerca de quatro horas. A nova arquitetura também permitiu à empresa ampliar seu portfólio de soluções com IA generativa, ganhar visibilidade global via Oracle Cloud Marketplace e direcionar mais recursos para inovação, consolidando sua expansão no mercado.

Conheça essa história: oracle.com/br/customers/biofy/

Ascensão dos agentes de inteligência artificial

Entre os temas mais recorrentes do SXSW esteve a evolução da inteligência artificial para sistemas mais autônomos. Até pouco tempo, a IA era utilizada principalmente como ferramenta de análise e geração de conteúdo. Entretanto, uma nova geração de tecnologias começa a permitir que algoritmos realizem tarefas mais complexas, envolvendo planejamento, tomadas de decisão e execução.

Na era dos agentes, o sistema, em vez de simplesmente responder a perguntas, pode, por exemplo, analisar um conjunto de dados, tomar decisões com base nesses dados e executar ações subsequentes em diferentes plataformas digitais.

Essa mudança tem implicações profundas para o funcionamento das organizações. Especialistas no SXSW 2026 destacaram que empresas começam a imaginar — e, em alguns casos, já a testar — estruturas nas quais gestores supervisionam não apenas pessoas, mas também sistemas automatizados capazes de executar tarefas operacionais, analíticas e até decisórias. Trata-se de uma inflexão relevante na arquitetura organizacional: equipes deixam de ser compostas exclusivamente por humanos e passam a operar como sistemas híbridos, nos quais agentes de IA participam ativamente da execução e da geração de valor.

Esse movimento tende a alterar não apenas a distribuição de funções nas equipes, mas também a própria definição de trabalho. Atividades tradicionalmente associadas a níveis operacionais e intermediários passam a ser absorvidas por sistemas automatizados, enquanto o papel humano se desloca para funções de supervisão, validação, interpretação e definição estratégica. Nesse contexto, a fronteira entre “quem executa” e “quem decide” torna-se progressivamente mais difusa.

Ao mesmo tempo, essa transformação levanta questões estruturais sobre governança, responsabilidade e controle. Se decisões passam a ser influenciadas, ou até executadas, por sistemas autônomos, torna-se necessário redefinir critérios de accountability, mecanismos de auditoria e modelos de supervisão. O desafio deixa de ser apenas tecnológico e passa a envolver dimensões jurídicas, éticas e organizacionais, exigindo das empresas uma revisão profunda de seus modelos de gestão.

Mais do que uma evolução incremental, o que se observa é uma mudança no papel da própria tecnologia nas organizações. A IA passa a ocupar uma posição mais próxima de um “participante” nos fluxos de trabalho. Como argumenta Neil Redding em seu *The Orchestration Playbook*, distribuído no SXSW, o potencial desses sistemas não é determinado apenas por sua capacidade técnica, mas pela forma como são incorporados ao contexto organizacional, incluindo objetivos, restrições, cultura e qualidade das interações estabelecidas com humanos.

Essa mudança de enquadramento, de ferramenta para participante, tem implicações diretas na forma como o trabalho é estruturado. Quando tratada como ferramenta, a IA responde a comandos e executa tarefas delimitadas. Quando tratada como participante, ela passa a contribuir com raciocínio, contexto e geração de alternativas, ampliando o escopo de possibilidades. Nesse cenário, o limite dos resultados deixa de estar apenas na capacidade da tecnologia e passa a depender da qualidade do problema formulado, do contexto compartilhado e da intencionalidade da interação.

A partir daí, a natureza das interações ganha centralidade. Interações pontuais, baseadas em comandos isolados, tendem a produzir ganhos incrementais e fragmentados. Já relações contínuas, estruturadas em torno de contexto compartilhado e objetivos claros, permitem a construção de resultados mais sofisticados, cumulativos e, em muitos casos, emergentes. Como sugere Neil Redding, a unidade de evolução deixa de ser o prompt e passa a ser a dinâmica de interação, um deslocamento que exige novas práticas, novos rituais e uma abordagem mais sistêmica do uso da tecnologia.



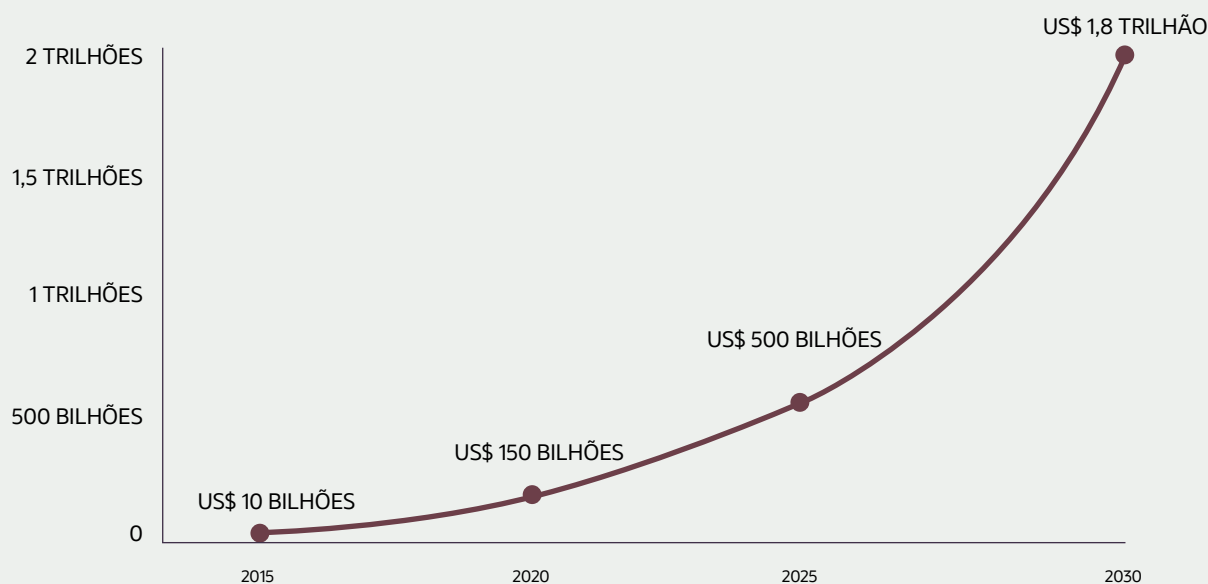
Esse novo paradigma impacta diretamente o papel da liderança. Em ambientes onde resultados são gerados por interações dinâmicas entre múltiplos participantes, humanos e digitais, liderar passa a exigir a orquestração de sistemas complexos, a gestão de interdependências e a capacidade de influenciar decisões distribuídas, em tempo real.

Nesse contexto, o líder assume um papel mais próximo ao de um orquestrador do que de um gestor tradicional. Isso implica acompanhar a evolução das capacidades dos sistemas, avaliar continuamente os resultados gerados, redefinir papéis entre humanos e máquinas e ajustar padrões de interação para maximizar desempenho. Trata-se de uma mudança sutil, mas profunda: a liderança deixa de operar sobre estruturas relativamente estáticas e passa a atuar sobre sistemas dinâmicos, adaptativos e em constante transformação.

Por fim, essa transição também redefine onde está a vantagem competitiva das organizações. Se, em ciclos anteriores, a diferenciação estava na adoção da tecnologia, agora ela tende a residir na capacidade de integrá-la de forma inteligente aos processos, às pessoas e às decisões. Empresas que conseguirem estruturar essa orquestração de forma consistente, combinando contexto, clareza de intenção e governança, terão maior capacidade de transformar tecnologia em resultado.

O crescimento exponencial da IA no mundo

- Mercado global de IA deve atingir US\$ 1,8 trilhão até 2030 (Grand View Research)
- Investimentos em IA generativa ultrapassaram US\$ 50 bilhões em 2025
- Mais de 70% das empresas globais já testam IA generativa (McKinsey Global Survey)
- Modelos de linguagem dobraram de tamanho médio a cada 6 a 12 meses



Fontes: Grand View Research; IDC; Statista.

Agentes de IA na prática, da IA que responde à IA que age

Geração	Tipos de IA	O que faz
Chatbots	Responde perguntas	Atendimento automático
Copilots	Auxilia tarefas	Escrever código ou texto
Agentes de IA	Executam tarefas	Reservam voos, negociam serviços
Sistemas autônomos	Operam processos	Gerenciam fluxos empresariais

IA generativa para atendimento

A Bosch transformou sua operação de atendimento ao cliente ao adotar o Oracle Digital Assistant, criando o agente virtual “Beto” para oferecer suporte automatizado e omnicanal com IA generativa. Integrado aos sistemas já existentes, o assistente passou a atender clientes 24/7 em múltiplos canais, com capacidade de interação por texto e voz, além de escalar para atendimento humano quando necessário. Como resultado, a empresa registrou aumento de 40% no volume de interações, com resolução autônoma em metade dos atendimentos, além de mais de 200 mil conversas gerenciadas e ganhos relevantes na satisfação do cliente.

Produtividade na era da automação cognitiva

Quanto mais eficiente o trabalho se torna, mais humano ele precisa ser.

Uma das promessas mais consistentes da inteligência artificial é a ampliação da produtividade. Assim como em outras grandes transições tecnológicas, o avanço da automação cognitiva inaugura a possibilidade de liberar pessoas de tarefas repetitivas e expandir o espaço para atividades mais criativas, analíticas e estratégicas.

A experiência histórica mostra que esse ganho se traduz em uma reconfiguração do próprio trabalho. Como discutido por especialistas no SXSW, à medida que a tecnologia eleva a produtividade, ela também amplia o horizonte do que é possível e, com isso, surgem novas demandas, novos padrões e novas ambições organizacionais.

Essa dinâmica representa uma evolução da promessa tecnológica. A produtividade gerada pela inteligência artificial não reduz o trabalho, ela o transforma, deslocando o foco para atividades de maior valor agregado, que exigem julgamento, contexto e capacidade de decisão.

Nesse cenário, o impacto da IA passa a ser menos sobre “fazer mais em menos tempo” e mais sobre “fazer melhor, com mais inteligência e alcance”. Profissionais são chamados a operar em níveis mais complexos, conectando áreas, interpretando dados e tomando decisões em ambientes cada vez mais dinâmicos.

Para as organizações, isso abre uma oportunidade estratégica, incluindo decidir como reinvestir os ganhos de produtividade. Empresas que direcionam esse ganho para inovação, experimentação e expansão de capacidades tendem a capturar mais valor e construir vantagens competitivas sustentáveis.

Mais do que uma questão de eficiência, a produtividade na era da automação cognitiva se torna uma escolha de direcionamento. É nessa decisão, sobre onde e como aplicar o tempo e a inteligência liberados pela tecnologia, que se define o verdadeiro impacto da IA nos negócios.

Economia da automação em destaque

Quanto da economia pode ser automatizado
Segundo o McKinsey Global Institute:

- 60% das profissões têm pelo menos 30% das tarefas automatizáveis
- IA pode adicionar US\$ 4,4 trilhões ao PIB global por ano

Área

Potencial de automação

Atendimento ao cliente

80%

Marketing

45%

Finanças

40%

TI

35%

Fonte: McKinsey Global Institute



Para se aprofundar

Humano no centro: Neste episódio do AI On the Go da Oracle, Felipe Patané revisita conversas conduzidas por Lucas Leung com líderes da Tractian, Accenture e Klabin para analisar como a IA está remodelando a cultura organizacional e o jeito de trabalhar.

Crise da saúde social e a relação com a tecnologia

Entre os temas mais inesperados do SXSW 2026 esteve o conceito de saúde social. Na edição anterior, o tema surgiu tímido e neste ano ganhou força, muito na esteira dos impactos dos excessos digitais impostos pela tecnologia.

Enquanto saúde física e saúde mental são amplamente discutidas em políticas públicas e programas corporativos, especialistas argumentam que a qualidade das relações humanas também desempenha papel central no bem-estar individual.

A chamada saúde social refere-se à capacidade de as pessoas manterem conexões significativas com outras pessoas ao longo da vida. Ela vai muito além do networking, é manter laços efetivos.

Pesquisas indicam que relações sociais fortes estão associadas a melhor saúde física, menor risco de depressão e maior longevidade. Ao mesmo tempo, o aumento do uso de tecnologias digitais tem sido associado ao crescimento de sentimentos de isolamento.

Especialistas destacaram que interações digitais rápidas podem funcionar quase como “petiscos sociais”: são agradáveis e frequentes, mas não substituem conexões humanas profundas.

Essa discussão tem implicações importantes para organizações, especialmente em um contexto em que trabalho remoto e comunicação digital se tornaram comuns.

No debate sobre social health no SXSW, especialistas defenderam que o problema não é apenas tecnológico, mas organizacional e cultural. A solução, portanto, passa por redesenhar como as pessoas trabalham, se encontram e constroem vínculos dentro das empresas. Algumas das recomendações discutidas incluem:

01. Criar espaços intencionais de conexão humana

Em vez de depender apenas de interações espontâneas em chats ou reuniões virtuais, organizações podem criar momentos estruturados para conexão, como encontros presenciais periódicos, dinâmicas de colaboração ou conversas informais entre equipes. A ideia é gerar oportunidades para interações mais profundas e não apenas funcionais.

02. Reduzir a lógica de comunicação puramente transacional

Grande parte das trocas digitais no trabalho hoje acontece apenas para resolver tarefas. Especialistas sugerem estimular interações que vão além da produtividade imediata, permitindo que equipes compartilhem ideias, experiências e interesses, fortalecendo vínculos sociais dentro da organização.

03. Repensar o modelo híbrido com foco em relações

O trabalho remoto trouxe eficiência, mas também reduziu momentos de convivência. Uma das recomendações é usar os dias presenciais não apenas para reuniões operacionais, mas para atividades que favoreçam colaboração, criatividade e construção de confiança entre colegas.

04. Valorizar métricas de bem-estar social

Alguns pesquisadores defendem que empresas passem a medir indicadores de social health, como qualidade das relações no trabalho, sensação de pertencimento e nível de conexão entre equipes, fatores cada vez mais associados à produtividade e à retenção de talentos.

05. Incentivar comunidades dentro das organizações

Grupos de interesse, mentorias, redes internas e iniciativas interdisciplinares ajudam a criar conexões que vão além da estrutura hierárquica, ampliando o senso de comunidade dentro das empresas.

Como destacou a pesquisadora Kasley Killam no festival, a conexão humana não deve ser vista apenas como um tema de bem-estar, mas como um fator estratégico. Em um ambiente de trabalho cada vez mais digitalizado, organizações que cultivam relações humanas fortes tendem a ser mais resilientes, criativas e inovadoras.

Saúde social: a nova fronteira do bem-estar

Saúde social é uma prática diária. No SXSW, a especialista no tema, Kasley Killam, apontou que conexões não acontecem por acaso, elas precisam ser cultivadas.

Como fortalecer sua saúde social na prática:

- **Trate relações como prioridade, não como sobra de tempo**
Conexões não podem ficar para “quando der”. Elas precisam entrar na agenda.
- **Invista em profundidade, não em volume**
Mais importante do que conhecer muitas pessoas é ter relações significativas.
- **Diversifique seus círculos sociais**
Amigos, trabalho, comunidade, família: cada grupo cumpre um papel diferente no bem-estar.
- **Crie rituais de conexão**
Almoços recorrentes, encontros periódicos, check-ins simples — consistência importa mais do que intensidade.
- **Esteja presente de verdade**
Menos distração, mais escuta. Qualidade de atenção define qualidade da relação.





Para se aprofundar

IA também no RH

A inteligência artificial está transformando a atuação de Recursos Humanos, da atração de talentos à gestão de performance, ao automatizar processos e ampliar a capacidade analítica das empresas.



Neste episódio do Oracle Cast Brasil, Felipe Patané repercute as entrevistas com Fabio Almeida, do Banco BMG, Suellen Esteves, da Núclea, e Bruno Ferreira de Souza, do Nubank, que mostram como a IA está automatizando tarefas repetitivas, centralizando informações e reposicionando o RH como uma área mais estratégica com foco em pessoas, desenvolvimento e resultados

Infraestrutura digital e limites físicos

Outro tema central discutido no SXSW foi o impacto da expansão da infraestrutura digital nas cidades e como esse movimento está redefinindo a relação entre tecnologia, recursos naturais e planejamento urbano.

A corrida global por inteligência artificial tem impulsionado um crescimento acelerado na construção de data centers, estruturas essenciais para o treinamento e a operação de modelos avançados. Ao mesmo tempo, essas instalações trazem uma nova escala de consumo de energia e água, colocando a infraestrutura digital no centro de debates econômicos e ambientais.

Do ponto de vista econômico, o movimento é expressivo. Segundo o Gartner, os gastos globais com sistemas de data centers devem ultrapassar US\$ 650 bilhões em 2026, impulsionados principalmente pela demanda por servidores otimizados para IA. Esse avanço acompanha a expansão mais ampla do mercado de inteligência artificial, que pode atingir US\$ 2,52 trilhões no mesmo período.

Esse crescimento, no entanto, vem acompanhado de uma transformação. A infraestrutura digital passa a ser um ativo estratégico comparável a rodovias ou redes elétricas, fundamental para a competitividade de países e empresas.

É nesse ponto que o debate evolui. Mais do que um dilema entre crescimento e sustentabilidade, a discussão passa a ser sobre como redesenhar a infraestrutura para sustentar a nova era da inteligência artificial de forma mais eficiente e responsável.

O mercado já vem avançando nessa direção. Iniciativas como o desenvolvimento de data centers mais eficientes, o uso de inteligência artificial para otimizar consumo energético em tempo real e a adoção de arquiteturas mais distribuídas, que aproximam o processamento dos pontos de uso, apontam para um modelo menos intensivo em recursos e mais adaptável às demandas locais. Plataformas de nuvem também têm evoluído para oferecer maior eficiência computacional, reduzindo o custo energético por workload processado.

A própria Oracle tem direcionado investimentos para infraestrutura de alta performance com maior eficiência energética, incluindo o uso de Unidades de Processamento Gráfico (GPUs, na sigla em inglês) de última geração mais otimizadas e modelos de operação que buscam reduzir o consumo por ciclo de processamento, um ponto crítico à medida que workloads de IA escalam.

Além disso, a combinação entre automação e observabilidade avançada permite que data centers operem com maior inteligência, ajustando dinamicamente cargas de trabalho, consumo energético e resfriamento, uma mudança relevante frente ao modelo tradicional, mais estático e intensivo.

Ainda assim, o desafio não é apenas tecnológico. Governos e cidades passam a desempenhar um papel central na definição de políticas que equilibrem atração de investimentos com gestão de recursos naturais e infraestrutura energética.

À medida que a inteligência artificial se consolida como a nova base da economia digital, a infraestrutura que a sustenta também precisa evoluir. O futuro não será definido apenas pela capacidade de processar mais dados, mas pela capacidade de fazê-lo de forma mais eficiente, sustentável e integrada ao ambiente onde essa tecnologia opera. A próxima vantagem competitiva não será apenas ter mais capacidade computacional, mas saber operá-la com inteligência física.

Acelerando a detecção de fraudes com IA

A Serasa Experian reforçou sua capacidade de prevenção a fraudes ao adotar clusters de GPU na Oracle Cloud Infrastructure, acelerando o treinamento de modelos de IA e aumentando a eficiência das análises. Com acesso a GPUs de última geração e uso do OCI Data Science, a empresa passou a realizar mais de mil sessões diárias de treinamento, ampliando a precisão dos modelos. Como resultado, reduziu em até 90% o tempo de resposta em consultas de validação de documentos, que agora podem ser analisados em menos de um segundo, elevando o desempenho das soluções antifraude e a segurança nas transações digitais.

Boom global dos data centers

- Data centers consomem cerca de 2% da eletricidade global
- Até 2030 data center podem chegar a 8% do consumo elétrico mundial
- Um grande data center pode usar até 5 milhões de litros de água por dia

Distribuição de novos data centers:

<u>Região</u>	<u>% crescimento</u>
EUA	35%
Europa	25%
Ásia	30%
América Latina	10%

Dependência tecnológica e cognição humana

A vantagem não estará em usar IA , mas em saber orquestrar humanos e máquinas.

Outra reflexão levantada no SXSW diz respeito ao impacto da inteligência artificial nas capacidades cognitivas humanas. Pesquisadores alertaram que delegar tarefas cognitivas fundamentais a sistemas automatizados pode afetar o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, raciocínio analítico e capacidade de resolução de problemas.

Durante um painel sobre inteligência artificial e cérebro humano, especialistas utilizaram analogias biológicas para ilustrar esse risco. Um exemplo citado foi o caso de organismos que, ao encontrar um ambiente estável, deixam de utilizar determinadas funções cognitivas e acabam perdendo essas capacidades ao longo do tempo.

Essa analogia sugere que a dependência excessiva de ferramentas digitais pode ter efeitos semelhantes se não houver um esforço consciente para preservar habilidades humanas.

Pesquisadores ligados ao Massachusetts Institute of Technology (MIT) vêm explorando essa discussão a partir do conceito de “offloading cognitivo”, o processo pelo qual humanos transferem parte do esforço mental para ferramentas externas, como calculadoras, GPS ou, mais recentemente, sistemas de inteligência artificial.

Estudos conduzidos no MIT mostram que esse fenômeno não é necessariamente negativo, mas pode gerar um efeito colateral importante: quanto mais tarefas mentais são delegadas às máquinas, menor tende a ser o engajamento do cérebro em atividades de análise e reflexão.

A pesquisadora Sherry Turkle, professora do MIT e uma das vozes mais conhecidas na discussão sobre tecnologia e comportamento humano, argumenta que a automação cognitiva pode reduzir aquilo que ela chama de “momentos de fricção intelectual”, situações em que o esforço para resolver um problema ou estruturar um argumento leva ao desenvolvimento de pensamento crítico.

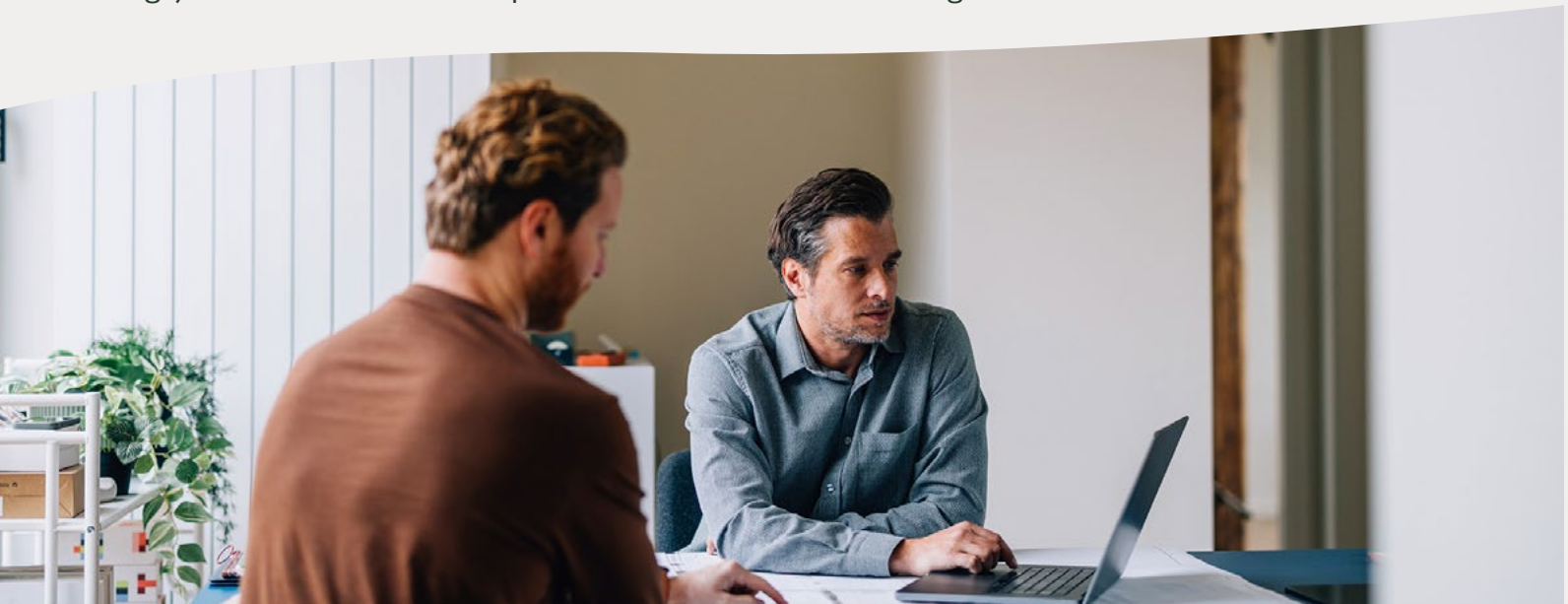
Outros pesquisadores do MIT Media Lab também destacam que ferramentas digitais extremamente eficientes podem criar um ambiente cognitivo mais passivo. Quando respostas e soluções aparecem de forma imediata, há menos incentivo para processos de exploração, dúvida e construção gradual de conhecimento, elementos historicamente associados à criatividade e à inovação.

Nesse contexto, especialistas defendem que o desafio não está em evitar o uso da inteligência artificial, mas em redesenhar a relação entre humanos e máquinas. Em vez de substituir completamente o raciocínio humano, a IA poderia ser utilizada como instrumento de ampliação cognitiva, estimulando perguntas melhores, análises mais profundas e processos de aprendizado mais complexos.

A discussão aponta para um dilema central da era da inteligência artificial: como aproveitar o ganho de produtividade proporcionado pela automação sem comprometer as capacidades cognitivas que sustentam a criatividade, o pensamento crítico e a inovação humana.

IA semântica acelera buscas da Rappi

A Rappi modernizou seu mecanismo de busca ao adotar soluções de IA da Oracle, substituindo o modelo baseado em palavras-chave por uma abordagem semântica capaz de interpretar a intenção do usuário. Com o uso de Oracle Autonomous AI Database, Oracle AI Vector Search e Oracle Cloud Infrastructure Generative AI, a empresa reduziu em 40% o tempo de resposta das buscas, aumentou a taxa de conversão em 25% e elevou o valor médio dos pedidos. A nova arquitetura permite consultas em linguagem natural e até por imagem, entregando resultados mais rápidos, relevantes e personalizados, o que se traduz em maior engajamento dos usuários e impacto direto no crescimento do negócio.



Criatividade na era da inteligência artificial

Se a inteligência artificial levanta preocupações sobre dependência cognitiva, ela também reforça o valor da criatividade humana.

Debates no SXSW destacaram que, embora algoritmos possam gerar textos, imagens e músicas, o processo criativo continua profundamente ligado à intuição, à experiência humana e à capacidade de conectar ideias aparentemente distantes.

Esse ponto apareceu de forma especialmente clara na participação do cineasta Steven Spielberg no festival. Ao comentar o avanço das ferramentas de IA na indústria audiovisual, Spielberg reconheceu que novas tecnologias sempre fizeram parte da evolução do cinema, desde efeitos especiais até computação gráfica. Ainda assim, ele destacou que o elemento decisivo na criação de histórias continua sendo humano.

O diretor afirmou que tecnologia e dados podem ajudar a expandir possibilidades narrativas e abrir caminhos visuais inéditos, mas não substituem aquilo que ele considera o principal motor do cinema: a intuição criativa. Para Spielberg, o processo de imaginar personagens, conflitos e emoções continua profundamente ligado à sensibilidade humana e à capacidade de observar o mundo.

Em sua visão, ferramentas baseadas em inteligência artificial podem acelerar processos técnicos, apoiar a produção e até sugerir caminhos criativos. No entanto, a essência da narrativa, aquilo que faz uma história ressoar emocionalmente com o público, permanece associada à experiência humana.

Essa perspectiva dialoga com um dos temas recorrentes do SXSW neste ano: em um momento em que a inteligência artificial se torna cada vez mais poderosa, a criatividade humana tende a ganhar ainda mais valor. Paradoxalmente, quanto mais sofisticadas se tornam as máquinas capazes de gerar conteúdo, mais evidente se torna o papel da intuição, da sensibilidade e da imaginação humana na criação de histórias significativas.



Veja também

A WideLabs, empresa de IA aplicada, buscava uma infraestrutura capaz de sustentar um projeto ambicioso: desenvolver a primeira plataforma de IA generativa 100% brasileira, treinada em português, a Amazônia.



A solução veio com a Oracle Cloud Infrastructure, que ofereceu um ambiente de alta performance com GPUs avançadas, garantindo escalabilidade, disponibilidade e segurança, além do diferencial de operar em região de nuvem local, reforçando a soberania dos dados.

Como a Oracle está estruturando a IA nas empresas

A Oracle posiciona a inteligência artificial como uma capacidade integrada a toda a pilha tecnológica, de infraestrutura a aplicações, e não como uma camada isolada.

Sua estratégia se apoia em três pilares principais:

- IA incorporada (embedded AI): recursos de inteligência artificial integrados a bancos de dados, aplicações e plataformas, permitindo uso direto no fluxo de negócio, sem necessidade de projetos paralelos
- Infraestrutura de alta performance: uso de GPUs avançadas, arquitetura escalável e ambientes de nuvem preparados para workloads intensivos de IA
- Desenvolvimento acelerado de aplicações: ferramentas para criação de agentes, soluções RAG, chatbots e sistemas baseados em linguagem natural, com foco em produtividade e tempo de implementação

A abordagem inclui ainda iniciativas como o Agent Hub, voltado à criação e orquestração de agentes de IA, além de um amplo portfólio de casos de uso, de análise de documentos e automação de processos à visão computacional e recomendação inteligente.

Saiba mais

Fale conosco

Ligue para +55 11 5189 1001 ou visite oracle.com/br/

Encontre seu escritório mais próximo ou fale com um especialista em oracle.com/br/contact

Copyright © 2026, Oracle, Java, MySQL e NetSuite são marcas registradas da Oracle e/ou suas afiliadas. Outros nomes podem ser marcas registradas de seus respectivos proprietários. Este documento é fornecido apenas para fins informativos e seu conteúdo está sujeito a alteração sem aviso prévio. Este documento não oferece garantias de que seu conteúdo não contém erros, nem está sujeito a quaisquer outras garantias ou condições, expressas oralmente ou implícitas na lei, incluindo garantias implícitas e condições de comerciabilidade ou adequação a uma finalidade específica. A Oracle isenta-se especificamente de qualquer responsabilidade com relação a este documento e nenhuma obrigação contratual é contraída diretamente ou indiretamente por ele. Nenhuma parte deste documento pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer formato ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, para qualquer finalidade, sem a nossa permissão prévia por escrito.